

AVERSÃO AO RISCO

Impacto aqui será menor, diz Pastore

ALESSANDRA BELLOTTO

SÃO PAULO

O atual movimento de aversão ao risco terá impacto muito menor na economia brasileira se comparado ao choque de 2002. A opinião é do ex-presidente do Banco Central, Affonso Celso Pastore, que participou ontem do seminário promovido pela Comissão de Valores Mobiliários (CVM) e Instituto de Direito Civil (IDC), em São Paulo. "O fluxo de recursos internacional pode parar, mas os estrangeiros perceberam que o risco de solvência do Brasil é menor. Nessas circunstâncias, a volatilidade será menor".

Apesar de continuar exposto ao risco sistêmico, destacou Pastore, o País tem hoje um

"sólido balanço de pagamentos". Evoluiu de um déficit em conta-corrente de US\$ 20 bilhões, em 2002, para um superávit de US\$ 6 bilhões a US\$ 8 bilhões este ano. E praticamente zerou a dívida externa líquida, assim como a dívida interna atrelada ao câmbio.

Em 2002, além do déficit em conta-corrente, havia uma concentração de vencimentos em torno de US\$ 40 bilhões. Uma restrição da liquidez naquela época, explica Pastore, significava um buraco nas contas. "Hoje, o saldo das reservas internacionais representa mais que o dobro do total de amortizações previsto para o ano". Mas o Brasil, acrescenta o economista, ainda tem de fazer um ajuste

mais profundo na política fiscal.

O choque atual, afirma o economista, está relacionado às incertezas quanto à alta do juro americano, diferente de 2002, quando havia uma crise de confiança local por conta das eleições presidenciais e a um choque externo produzido por escândalos contábeis nos EUA.

"Nunca vi taxas de crescimento mundial tão altas e liquidez tão abundante", afirma Pastore. Isso provoca alta nos preços das commodities e traz a percepção de que os bancos centrais estão "atrás da curva", ou seja, perderam o momento certo de elevar os juros. Assim, o mercado, que tinha se preparado para um juro americano de no máximo 5%, já admite 5,5%.